ANPOLL
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística

GT LITERATURA E SOCIEDADE

RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2021-2023

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS E PROPOSTAS FORMULADAS AO LONGO DO BIÊNIO 2021-2023

1) Publicação de trabalhos do GT (2020-2021)

A partir dos trabalhos apresentados no XXXV ENANPOLL, organizou-se o dossiê **Literatura em perspectiva materialista e formativa em tempos sombrios**, na *Revista Terceira Margem*, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 5, n. 45, 2021 (https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/issue/view/1693). Seguindo a temática do nosso encontro, a proposta do dossiê consistiu em repensar, rediscutir, reelaborar, atualizar, vitalizar, à luz das urgências e necessidades do presente, um campo de força crítica que se situa no marco da tradição materialista e formativa, assim como um campo de problemas variados e complexos que compreende as relações entre literatura, cultura, sociedade e história como um todo incontornável.

2) Encontro do GT ANPOLL Literatura e Sociedade 2021 - LITERATURA, CINEMA E SOCIEDADE SOB ESTADO DE SÍTIO

Local e data: Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 08 a 10 de novembro de 2021 (Encontro virtual)

Chamada de trabalhos:

Em 1979, o crítico Roberto Schwarz publica um ensaio discutindo os pressupostos da “dialética da ordem e da desordem”, um movimento estrutural à sociedade brasileira, ligado na tradição cultural e crítica à figura do malandro, que havia correspondido, durante mais de século, a uma espécie de *ethos* nacional. Derivado da tradição folclórica (do *trickster*), e relido conforme à gravitação materialista de um crítico pioneiro, Antonio Candido, o malandro provém da sociedade escravocrata, na qual o homem livre pobre vive sem trabalho disponível. A capacidade de criar expedientes, com astúcia, transitando entre a “ordem (estabelecida) e a (dita) desordem”, a fim de sobreviver à margem da ordenação social, levou à aposta no modo peculiar de ser de uma sociedade menos rígida com relação à lei e às regras de comportamento, vocacionada a uma flexibilidade que a faria menos violenta do que as nações centrais do capitalismo. A partir das evidências trazidas pela lógica assassina, persecutória e amiga da tortura,

posta em ata pelo regime civil-militar então em andamento no Brasil (1964-1985), Schwarz identifica a hora histórica em que as apostas nas ambivalências da "malandragem brasileira" afloram como ideologia da Ordem estabelecida, obrigando a rever, inclusive, as ilusões do ciclo nacional-desenvolvimentista brasileiro.

O encontro do GT propõe a discussão da literatura e do cinema brasileiros sob Estado de sítio, em obras produzidas de 1964 até o presente. Assim, trata-se de discutir, na literatura e no cinema, formas de representação da violência como traço constitutivo da Ordem, de seus aparatos milicianos e de tortura; a precarização do trabalho desde o chamado "milagre econômico" produzido pela ditadura civil-militar; os fundamentos da modernização dependente; a passagem ao neoliberalismo e os limites do ideário da "formação nacional"; as apostas, equívocos, conflitos e contradições da esquerda, assim como a percepção do horizonte de genocídio do trabalho na nova acumulação mundial que se iniciava naqueles anos 1970. O objetivo é buscar caminhos de reflexão que ajudem a compreender a cooptação do imaginário popular e das formas de resistência à Ordem, que levaram a ultradireita novamente ao poder, agora pelas urnas, em 2018.

Programação

Dia 08/11 – segunda-feira
Mesa 1, 09:30 às 11:30
- Macunaíma-69: o chão de estrelas e as ilusões perdidas – Ana Paula Pacheco (USP)
- "*Cabra marcado* dá impressão de vitalidade e esperança. Como explicá-la?" – Paulo Maia (UFRJ)

Debatedora: Danielle Corpas (UFRJ)
Dia 09/11 – terça-feira
Mesa 2, 09:30 às 11:30
- Ainda o tema 1967: estética e intervenção no Brasil dos anos 60 e 30 anos depois – Homero Vizeu Araújo (UFRGS)
- Os ovos da serpente e o espetáculo da violência: *Cidade de Deus* e *Gomorra* – Eleonora Ziller Camenietzki (UFRJ)

Debatedor: Fernando Gil (UFP)
Dia 10/11 – quarta-feira
Mesa 3, 09:30 às 10:30
- Biografia de tudo como forma narrativa neoliberal: da formação à biografia do Brasil – Wilson Flores (UFG)

Debatedor: Alexandre Pilati (UnB)
Reunião organizativa, 10:45 às 12:00

3) Encontro do GT ANPOLL Literatura e Sociedade 2022 – 22, HOJE E ONTEM

Local e data: Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 16 a 18 de novembro de 2022

Chamada de trabalhos:

O ano que atravessamos [2022], carregado de simbolismo histórico, é também um dos mais graves e complexos desde a redemocratização. As efemérides em torno do

bicentenário da Independência e o centenário da Semana de Arte recolocam em pauta debates sobre a formação do país, modernidade (atraso) e modernismo. A formação nacional, suas fraturas e incompletudes e as respostas estéticas delas derivadas permanecem como desafio crítico. Por outro lado, o esvaziamento desse debate nos últimos anos provocou uma distância entre aquilo que o nosso tempo está exigindo como resposta e o que de fato vem sendo produzido. O inventário desse quadro também precisa ser realizado. Um recomeço importante para nós poderá ser, portanto, um balanço desse movimento, propondo questões e trazendo novos balizamentos. Trata-se de colocar em dimensão pública uma ampla tradição de pensamento sobre a literatura e a cultura que ainda pode alterar de modo qualitativo a produção contemporânea.

Tendo isso em vista, os seguintes eixos de discussão irão nortear o encontro do GT:

- A Semana de Arte Moderna: debates do momento; pontos cegos da crítica
- Desdobramentos do Modernismo durante a ditadura civil-militar
- Desdobramentos contemporâneos do Modernismo
- Independência e cultura: o momento modernista e a ideia de formação nacional; vanguarda artística e vanguarda política

Como se trata de seminário interno, só serão aceitas propostas de trabalho de pesquisadores credenciados no GT Literatura e Sociedade. Os resumos devem ser encaminhados até 30 de setembro de 2022 para o endereço gtliteraturaesociedade@gmail.com.

Como o alto custo das passagens aéreas e restrições orçamentárias dos PPGs podem dificultar o deslocamento dos participantes, optou-se por realizar o encontro em formato híbrido, com mesas reunindo apresentações on-line e presenciais.

Programação

Quarta, 16/11

14:00 – Abertura

14:30 – Mesa-redonda 1

- Ana Paula Pacheco (USP) – Macunaímas 1928-1969
- Homero Vizeu Araújo (UFRGS) – Alfredo Bosi lê *Macunaíma*
- Paulo Maia (UFRJ) – Caracterizações do herói nos filmes *Macunaíma* e *Iracema: uma transamazônica*

Quinta, 17/11

9:30 – Mesa-redonda 2

- Adilson Mendes (Universidade Anhembi Morumbi) – Guilherme de Almeida, “mettéur-em-scène” de *São Paulo, a sinfonia da Metrópole* (1929)
- Antonio Sanseverino (UFRGS) – Notas de leitura sobre *Parque industrial*
- Marcos Rogério Cordeiro (UFMG) – Modernidade na província: o Movimento Verde, de Cataguases

14:00 – Conferência 1

- Eduardo Sterzi (Unicamp) – “O Brasil só tem canibais”: Mário, Drummond, um país, uma pedra

Sexta, 18/11

9:30 – Conferência 2

- Luis Augusto Fischer (UFRGS) – Questões para uma nova história da literatura no Brasil

14:00 – Mesa-redonda 3

- Fernando Gil (UFP) – O regionalismo e o modernismo: um campo em conflito
- Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS) – *Campo geral* e *Torto arado*: alteridade, fratura e opacidade
- Irenísia Torres de Oliveira (UFC) – A crítica como consciência literária em Antonio Candido

4) Simpósio do GT ANPOLL Literatura e Sociedade no 37º ENANPOLL – 22, HOJE E ONTEM

Local e data: Niterói, Instituto de Letras da UFF, 03 a 05 de outubro de 2023

Chamada de trabalhos:

Os pobres e o (não) trabalho na literatura brasileira

Na apresentação de *Os pobres na literatura brasileira*, Roberto Schwarz sintetizou assim a questão que unificava a coletânea: "Como se define e se representa a pobreza na literatura brasileira?". Passados exatos 40 anos, o simpósio do GT Literatura e Sociedade no 37º ENANPOLL insiste nessa pergunta, que leva a outra, correlata: como se define e se representa (ou não) o trabalho?

A proposta do simpósio é discutir os modos como a produção literária põe em cena especificidades do mundo do trabalho e da experiência dos pobres no Brasil, refletindo sobre questões estético-políticas nas quais estão implicadas, por exemplo, nexos entre processos históricos e transformações no tratamento dessa matéria, tendências e problemas que emergem ao longo do tempo, posição social dos escritores e do público leitor, procedimentos da crítica etc.

Programação com resumos:

MESA 1 (TER, 03/10, 14:00-16:30)

1) PAI CONTRA MÃE: TRABALHO, AVENTURA E CORDIALIDADE - Eleonora Ziller Camenietzki (UFRJ)

"Pai contra mãe", publicado em 1906 em *Relíquias da casa Velha,* é o conto mais citado de Machado de Assis quando o assunto é o posicionamento do autor em relação à luta antirracista e abolicionista no Brasil. De modo geral, lido como um libelo contra a opressão e o racismo, muitas sutilezas e provocações do escritor acabam se perdendo na leitura "militante" que tem sido feita nos últimos anos. Uma análise detalhada das estratégias utilizadas para a construção do narrador pretende reposicionar o conto, incindindo sobre o debate político de sua época e na recepção que ainda hoje suscita sua leitura.

2) FORÇA DE TRABALHO; FORÇA ANIMAL - Rogério Cordeiro (UFMG)

O tema trabalho atravessa a história mundial da literatura desde os primórdios, mas sofreu inflexão acentuada no século XIX com o surgimento das formas sociais criadas pelo capitalismo. O desenvolvimento das técnicas e dos métodos de produção levou à super exploração do trabalho e ao empobrecimento da experiência social de

vida, despertando para o problema da desumanização. Isso colocou o tema do trabalho sob outra perspectiva na literatura.
No Brasil, tal inflexão apareceu em duas obras de ponta, "Mémórias póstumas de Brás Cubas" e "O cortiço", que enfrentam o problema da desumanização transfigurando-a na sua anomalia: a animalização dos sujeitos sociais.
No romance de Aluísio Azevedo, o processo se generaliza e engloba fatores díspares. Observando as personagens, vê-se que se agrupam em nichos: na órbita do trabalho, Bertoleza, João Romão e Jerônimo; na psicológica, Léonie e Pombinha; na moral, Rita Baiana, Firmo e Piedade. Apesar das diferenças, os casos são planificados e reduzidos a efeitos da imposição biológica, fazendo com que a animalização seja explicada como uma espécie de fatalismo.
Na obra de Machado de Assis, a animalização é tratada em outra chave, estruturando a questão. A logicidade da desumanização é depurada como despojo das relações de trabalho que vigoravam no contexto moderno e no contexto não moderno. Os episódios que reúnem Cubas e Prudêncio se referem ao mundo da escravidão, e o capítulo com o almocreve desnuda o cerne do trabalho livre.
3) VISÕES DO POBRE E DA POBREZA NA REFLEXÃO SOCIAL DE LIMA BARRETO - Marco Aurélio de Souza (UFPR)
Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento na UFPR, sob supervisão do prof. Dr. Fernando Cerisara Gil, a respeito das implicações que as transformações políticas e sociais ocorridas no Brasil das primeiras décadas da Primeira República tiveram sobre o modo como os escritores brasileiros da época observavam os pobres e a pobreza. Restringindo aqui nossa reflexão à produção literária não-ficcional de Lima Barreto, analisamos de que modo o escritor carioca pensou o problema em suas crônicas, artigos de opinião e ensaios jornalísticos, demonstrando como o autor – que, do ponto de vista ideológico, adotava uma postura mais radical que a de seus pares, não raro se apresentando como anarquista – aproximou-se de uma reflexão crítica marcada por sua origem de classe, mais do que pelo lugar social que os homens de letras possuíam naquele período. Isto, porém, não quer dizer que Barreto estivesse intelectualmente familiarizado com as ideias políticas que vez ou outra eram referenciadas em seus textos. Ao contrário, buscamos sinalizar no trabalho o espontaneísmo crítico que permeou os textos de opinião do autor, marcados a um só tempo pela inconformidade com as desigualdades sociais observadas e vivenciadas, mas também pela ausência de perspectivas e horizontes intelectuais que projetassem possíveis saídas para os problemas sociais brasileiros, dotando-os de uma concretude analítica capaz de nortear as ações políticas em sociedade.
4) A POBREZA E O ESCRITOR BRASILEIRO: O POBRE NO CAMPO - Fernando Cerisara Gil (UFPR)
Essa comunicação pretende discutir de que modo e por que razões a presença do pobre e da pobreza emerge à consciência dos nossos escritores-ficcionistas como *fato social*, a partir das duas primeiras décadas do século XX. Procuraremos indicar certos aspectos e condições que levantaram os escritores brasileiros a refletirem sobre o pobre e a pobreza como problema nacional. O debate proposto se deterá naqueles escritores que, além de produzirem literatura em estrito senso (ficção, poesia, teatro), atuaram na *esfera pública*, especialmente na imprensa da época, e problematizaram, ali, a questão. Em que pese o tema da pobreza ser debatido, à época, tanto como elemento presente na cidade quanto no campo, o objetivo, neste momento, é

identificar e caracterizar *as visões do pobre e da pobreza* em escritores-ficcionistas que tiveram a *pobreza rural* no âmbito de suas preocupações. Em razão do recorte sugerido, a apresentação analisará ensaios dos escritores Alcides Maya, Hugo de Carvalho Ramos e Monteiro Lobato.

5) TRABALHO E POBREZA EM O MOLEQUE RICARDO - Manoel Freire Rodrigues (UERN)

O Moleque Ricardo é o primeiro romance de José Lins do Rego narrado em terceira pessoa, deslocando o ponto de vista narrativo da visão de mundo do menino/senhor de engenho para perspectiva do operário, que trabalha incansavelmente por um salário que não chega a suprir suas carências mais básicas, condicionando-o à situação de pobreza crônica. É também em *O Moleque Ricardo* que José Lins do Rego desloca a ambientação da narrativa da opulência do engenho para a miséria das ruas na periferia da grande cidade, no caso Recife, onde vivem os trabalhadores em situação precária de habitação e deficiência alimentar, dado que o valor pago pelas longas horas de trabalho não é suficiente para lhes prover do mínimo necessário. Elemento bastante significativo neste romance é o trabalho, haja vista que as personagens centrais são trabalhadores e aparecem sempre em atividade, tal como o protagonista Ricardo e seus companheiros de labuta diária na padaria. Considerando o exposto, esta comunicação tem por objeto de discussão o romance *O Moleque Ricardo*, e analisa as representações do trabalho e da pobreza, buscando compreender como se articulam esses dois aspectos na forma do romance.

6) ADAPTAÇÕES DE MACUNAÍMA AO MUNDO DO TRABALHO E AO MUNDO DO CINEMA - Paulo Cezar Maia (UFRJ)

Macunaíma foge do trabalho. Mas de que trabalho ele foge? o que significa trabalhar pela perspectiva dele? Entretanto, ele foge "do fundo do Mato virgem" para a cidade de São Paulo, na efervescência do seu processo de industrialização, no início do século XX. Mas na adaptação do romance para o cinema, sua fuga se dá para a melancólica cidade do Rio de Janeiro, ex-capital federal e pós golpe militar. É possível abordar a cultura brasileira, assim como o trabalho no Brasil, pela perspectiva do movimento, da mobilidade, da migração no sentido campo/cidade, ou floresta/cidade ou mar/cidade, entendendo o território urbano como um lugar da redenção. Então, esta é a ótica adotada para a compreensão do personagem no romance e no filme. “Macunaíma”, de Mário, vai a São Paulo em busca da muiraquitã, mas encontra uma nova forma de vida social, à qual deve se adaptar. Na adaptação de Joaquim Pedro de Andrade, o "herói" vai ao Rio de Janeiro, onde encontra Ci, a muiraquitã e uma razão para estar ali, adaptando-se a uma nova forma política. Então, qual a diferença entre as duas caracterizações do malandro face à temática da migração do trabalhador para a cidade? Ao retornar para a floresta, Macunaíma está transformado. Mas em que consiste essa transformação nas duas narrativas comparadas? Este trabalho visa apresentar questões da adaptação literária e das transformações no mundo do trabalho no Brasil retratados pela literatura e pelo cinema.

<u>MESA 2 (QUA, 04/10, 14:00-16:30)</u>

1) MIMESIS E AISTHESIS NA TERRA DO SOL: A APRESENTAÇÃO DA REALIDADE NA CULTURA BRASILEIRA (1956-1969) - Beatriz Malcher (UFRJ)

A presente comunicação tem como objetivo expor alguns apontamentos iniciais da pesquisa que venho desenvolvendo em meu pós-doutorado, onde busco observar como ou se a categoria realismo sério, pensada por Erich Auerbach para pensar a literatura europeia, pode ser operada na periferia do capitalismo. Para tal, busco

entender se a tensão entre democratização e simplificação – pensada tanto por Auerbach quanto por Jacques Rancière, ainda que de maneiras distintas – pode se resolver a partir de formalizações estéticas próprias do material social brasileiro. Para tal, venho analisando diferentes materiais audiovisuais e poéticos produzidos no Brasil entre 1956 e 1969, contexto marcado politicamente pelo declínio e posterior falência do nacional-desenvolvimentismo, em decorrência da articulação entre capital nacional e estrangeiro; e artisticamente pela profusão de importantes movimentos culturais que tentaram internalizar esteticamente, cada qual a sua maneira e de forma contrastante, a realidade política, social e econômica daquele momento.

2) ESTÉTICA E INTERVENÇÃO NO BRASIL CONFLAGRADO DOS ANOS 1960: NOTAS SOBRE ROMANCES, CONTOS E CRÔNICAS.- Homero Vizeu Araújo (UFRGS)

As promessas do nacional-desenvolvimentismo foram desfiguradas pelo golpe de 64 e vieram a configurar soluções e impasses devidamente explorados pelo literatura, cinema, canção e teatro. Para expor os dilemas dos intelectuais em transe engajado e violento, os romances em causa seriam *Pessach*, de Carlos Heitor Cony, *Quarup*, de Antônio Callado, *O senhor embaixador*, de Erico Verissimo, e *Tenda dos milagres*, de Jorge Amado. Há contraste com o ponto de vista cínico e provocador de Rubem Fonseca em *Lúcia McCartney* (1967), que já no título registra algum conteúdo pop a ser reelaborado no conjunto irônico, violento e lírico dos contos. Também desponta pela direita Nelson Rodrigues, que trata de satirizar, em suas crônicas/contos, as atitudes e projetos da esquerda que se radicalizava. A cacofonia política e ideológica ganha presença em personagens e enredos. Sem falar na tensão notável no campo literário, exposto ao bate-boca de acusações e à perseguição da polícia.

3) A REPRESENTAÇÃO DO POBRE PELO POBRE, PARA QUEM?: REFLEXÕES SOBRE A OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS - Irenísia Torres de Oliveira (UFC)

Este trabalho examina os diários de Carolina Maria de Jesus e o romance *Pedaços da fome*, escritos nas décadas de 1950 e 1960, para refletir sobre a representação da pobreza por uma autora pobre que consegue adentrar a esfera literária. Destacamos inicialmente a relação da autora com a escrita e com sua condição de escritora, que ela registra sobretudo nos diários. Discutimos também, nessa perspectiva, como a condição de escritora, antes e depois da publicação de *Quarto de despejo*, reflete na relação com seu entorno dentro e fora da favela. Centralmente, com base nas noções de sistema literário, de Antonio Candido, de cidade letrada, de Ángel Rama, e de contestação da literatura, de Regina Dalcastagnè, pensamos a posição peculiar de Carolina na literatura, nas décadas de 1950 e 1960, e o que essa posição revela da esfera letrada no país. Considerando ainda que a escritora vincula-se, por seus textos, a uma tradição literária que é a da cidade letrada e não a da literatura popular, como é o caso de Patativa do Assaré, abordamos aspectos de estilo, temas e estrutura em seus diários e romance que são significativos para a discussão. Adotamos aqui a concepção alargada de forma literária sustentado pela crítica e pelas formulações teóricas de Antonio Candido e Roberto Schwarz, lembrando que este último tem um trabalho crítico profícuo e original sobre um diário, o *Minha vida de menina*, de Helena Morley.

4) A FIGURAÇÃO DO POBRE EM ZULMIRA RIBEIRO TAVARES - Adilson Mendes (Universidade Anhembi Morumbi)

A comunicação destaca as formas de figuração do pobre nas narrativas de Zulmira Ribeiro Tavares, escritora reconhecida sobretudo por representar as elites brasileiras,

em particular a elite paulistana. Por ser figura rara, o pobre surge de maneira angular na obra da escritora, desde *Campos de Dezembro* (1955), livro de poesia, passando por *O nome do bispo*, romance publicado em 1985, em que a noção de subalternidade na sociedade de classe ganha especial relevo, assim como por *Jóias de Família*, romance de 1990, e *Café Pequeno*, coletânea de contos (1995).
A comunicação chama atenção para a formação cultural da escritora, que atravessa os campos do teatro e do cinema modernos para só então se consolidar como obra exclusivamente literária.
5) TRABALHO NA CENA DO CRIME - Danielle Corpas (UFRJ)
A discussão que será proposta parte de uma impressão surgida na leitura de narrativas brasileiras publicadas recentemente, sobretudo romances. Com frequência, nos enredos, são decisivos diferentes modos de imbricação entre crime e trabalho. A vinculação entre as duas esferas parece recorrente quando se trata de personagens pobres, cuja trajetória é determinada tanto por adversidades impostas pelo mercado de trabalho (formal, informal, precarizado) quanto pelos riscos da atuação em diversos mercados ilícitos. Assim, mundo do trabalho e mundo do crime se sobrepõem e se retroalimentam, são compatíveis ou mesmo intercambiáveis. Isso estrutura, em maior ou menor grau, a representação do cotidiano de trabalhadores em obras como *O sol na cabeça* e *Via Ápia* (Geovani Martins, 2018; 2022), *Os supridores* (José Falero, 2020), *Estudo sobre o fim: bangue-bangue à paulista* (Paula Fábrio, 2022) e *Belhell* (Edyr Augusto, 2020). A comunicação apresenta resultados de debates em torno desses e de outros títulos, realizados em curso para mestrado e doutorado no primeiro semestre de 2023.
<u>MESA 3 (QUI, 05/10, 14:00-15:30)</u>
1) COTIDIANO E GENERICIDADE NO POEMA - Alexandre Pilati (UnB)
Ao examinar as relações entre arte e cotidianidade, o Lukács da *Estética* indica que as obras de arte têm a capacidade de atuar no receptor como conformação sensível de um momento particular da totalidade do desenvolvimento humano. Nesses termos, enquadra-se a noção de catarse, que tem como elemento distintivo o movimento de "tornar-se autoconsciente" do ser social. Isso se daria graças ao meio homogêno que é a arte, traço que se relaciona de modo diferencial em relação à heterogeneidade peculiar à vida cotidiana. Esta comunicação visa formular, com base em alguns parâmetros essenciais do caráter ontológico da estética lukácsiana, uma leitura do poema "Estrada", de Manuel Bandeira. Presente em *O ritmo dissoluto*, livro de 1924, o poema é representativo do conjunto em que se enquadra e comunica-se com o tempo modernista por vias diferenciadas de tratamento da cotidianidade e do elemento popular. A consistência estética da voz lírica dos poemas de *O ritmo dissoluto* confere a quase todos os textos a condição de forma de meditação sobre a silenciosa união entre individualidade e gênero humano. Isso se revela de modo especial na posição do eu-lírico de "Estrada", que, assumindo-se poeta, faz do poema um paradigma para a leitura da consistência realista do livro de 1924. A nosso ver, a conquista antropomorfizadora da realidade objetiva é figurada no núcleo realista de "Estrada", encontrado no verso: "E tudo tem aquele caráter impressivo que faz meditar".
2) UM LÍRICO PROVINCIANO MODERNO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A POESIA DE MANUEL BANDEIRA - Antonio Marcos Sanseverino (UFRGS)
Manuel Bandeira, influenciado por Blaise Cendrars, absorve técnicas modernas de lirismo objetivo, tal como apontam Alexandre Eulalio e Arrigucci Jr. A crítica reconhece sua habilidade em extrair o sublime da matéria bruta do cotidiano, através de uma

mistura estilística e incorporação de elementos heterogêneos à voz lírica. Sua obra apresenta, no entanto, um conflito semelhante à "fórmula oswaldiana", com uma voz lírica que oscila entre a modernidade e o arcaico. Além da poesia, Bandeira, enquanto cronista, escreve uma prosa simples, moderna e dialogando com o leitor. Suas crônicas evidenciam uma nostalgia da província, superpondo elementos do passado colonial (evocação do Recife) ao presente da cidade (Morro do Curvelo). Essa sobreposição de espaços define um lugar precário e instável para o sujeito poético, que observa a vida passar e elogia a vida rural em oposição à urbana. Bandeira, um lírico provinciano moderno, expõe a dualidade entre o Brasil antigo e o moderno, que mutuamente se alimentam.

3) "DOIS PARLAMENTOS" DE JOÃO CABRAL E AS VOZES DE CIMA - Carlos Pires (Faculdade de Letras - UFRJ)

“Dois Parlamentos” é um poema com duas partes que surgiu inicialmente em uma edição que o autor mandou imprimir em 1961 em Madri. Depois foi lançado na revista Senhor em novembro do mesmo ano e, ainda nesse ano, entrou na “Terceira feira” (1961), livro que reúne também o inédito “Serial” e, ainda, “Quaderna” em uma edição brasileira . Esse pequeno livro apresenta um timbre particular na obra de Cabral, algo um tanto distinto do que realizou desde “Paisagens com figuras” (1956) e, também, da vertente da sua “segunda água”, que reúne seus textos mais “dramáticos” ou os “poemas para serem ouvidos” (“Morte e vida Severina” e “Os três mal amados”). Pretendo investigar a maneira como João Cabral de Melo Neto em “Dois Parlamentos” (1961) procura constituir vozes políticas e distanciadas, com dicções marcadas, senador sulista e deputado nordestino, para abordar a miséria nordestina e a condição da população pobre que habita essa miséria. As ambiguidades e ambivalências dessas vozes na relação com esse assunto são reveladoras tanto da transformação sociocultural brasileira no começo da década de 1960 quanto dos problemas que o poema enfrenta relacionados à estetização dos pobres e da miséria do país, e dos, muitas vezes, tênues limites entre a denúncia e reprodução da desigualdade social.

4) UMA NOVA LEITURA DE “CARIOCA”, DE CHICO BUARQUE - Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

O trabalho busca analisar "Carioca", de Chico Buarque, canção que abre o disco *As cidades* (1998), em certo sentido, na contramão das leituras correntes. Busca indicar como o pregão estrutura a canção e a relação do narrador com a matéria apreendida, sempre de modo entrecortado e de forte acento lúbrico. Esse narrador demonstra apreender a cidade de forma reificada, mais do que isso, fetichizada, sobretudo em relação às mulheres. O movimento de análise incide na entoação decalcada de um pregão de rua para mostrar como os enquadramentos leve e deliberadamente equivocados revelam certa posição conservadora do homem de bem carioca diante do fim da promessa de modernização brasileira no século XX. São mobilizadas nessa leitura os trabalhos de Walter Garcia a respeito da canção, bem como ensaios de diversos autores, como Paulo Arantes, Roberto Schwarz, Luiz Tatit, Lorenzo Mammi, Ivone Rabelo, Bruna Della Torre, entre outros. Em âmtibo geral, por fim, trata-se de demonstrar uma construção bastante comum na obra de Chico Buarque desde o fim do século passado, qual seja, o de dar a voz uma posição distinta da sua, forçando a nota, do inimigo, de modo a fazer com que essa própria posição ambivalente revele suas contradições

5) Credenciamento de novos membros do GT

Durante a reunião de planejamento do GT, ocorrida em 04 de outubro de 2023, durante o 37º ENANPOLL, foram aprovadas as propostas de credenciamento dos seguintes pesquisadores:

Carlos Pires – UFRJ (pirescarlos@gmail.com)
Herasmo Braga de Oliveira Brito – UFPI (herasmobraga@ufpi.edu.br)
Maria Isabel Bordini – UFPR (belbordini@gmail.com)
Volmir Cardoso Pereira – UEMS (volmircardoso@uems.br)

5) Coordenação do GT no biênio 2023-2025

Durante a reunião de planejamento do GT, ocorrida em 04 de outubro de 2023, durante o 37º ENANPOLL, foram escolhidos os membros para a coordenação e vice-coordenação do biênio 2023-2025:

Coordenador: Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)
Vice-coordenador: Marcos Rogério Cordeiro (UFMG)